

História oral e lutas de representação entre o nacional e o regional na música popular do Brasil durante o primeiro governo Vargas.

Alessander Kerber*

Resumo: No presente trabalho, proponho apresentar algumas considerações acerca do projeto de pesquisa intitulado “Representações musicais e mídia sonora na construção de identidades ligadas ao espaço geográfico”. Especificamente, abordo as possibilidades do uso da História Oral na perspectiva da análise da influência da música popular e da mídia sonora na construção e massificação de uma versão acerca da identidade nacional brasileira em uma região específica do país durante o decorrer do primeiro governo Vargas.

Palavras-chave: História oral, identidade nacional, identidades regionais, música popular.

Abstract: In this work, I propose to show some regards about search project as “Musical and voiced media representations in the construction of identities in geographi place”.In special, I accost the possibilities about the use of Oral History in perspective of the analysis of influence of popular music and voiced media in the construction about the influence of popular music and brasilian national identity in a specific country region during the first Vargas’s government.

Key Words: Oral History, national identity, regional identity, popular music.

O projeto de pesquisa intitulado “Representações musicais e mídia sonora na construção de identidades ligadas ao espaço geográfico” tem, como objetivo principal, analisar a construção de identidades sociais através de suas representações musicais. Mais especificamente, propõe-se uma análise da relação estabelecida entre identidades ligadas a um espaço geográfico, especificamente, a identidade nacional brasileira, a regional sul-riograndense e a da cidade de Novo Hamburgo que, tendo sido marcada pelo processo de imigração alemã do século XIX e construída uma identidade fortemente relacionada com essa identidade nacional, tal qual o próprio nome da mesma indica, estabeleceu uma relação distinta com as versões construídas sobre a identidade brasileira da época do primeiro governo de Vargas.

Nesse sentido, primeiramente, selecionamos as canções que fizeram maior sucesso no rádio e em vendagem de discos no Brasil durante o primeiro governo Vargas. A seguir, procuramos nas letras dessas músicas representações da identidade nacional brasileira e de

* Doutor em História e Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este projeto é financiado pelo CNPq através do edital universal 14/2008.

identidades regionais, na perspectiva de analisar a relação estabelecida entre o nacional e o regional nelas. Por último, realizamos entrevistas de História Oral na perspectiva de analisar a circulação e recepção dessas mídias em um espaço específico do Brasil.

Como afirma Oliveira, existe uma relação íntima entre as identidades que se constroem em relação ao espaço geográfico e a política, pois:

A idéia de nação [tal como a de região e de cidade] faz parte do universo simbólico. Sua valorização visa proporcionar sentimentos de identidade e de alteridade a uma população que vive ou que se originou em um mesmo território. Trata-se de um símbolo que pretende organizar o espaço público, referindo-se, portanto, à dimensão política” (1990: 14).

Havendo esta relação com a política, um primeiro elemento a destacar acerca da construção destas identidades é o fato de que há, em geral, uma proposta sobre elas partindo do poder público, a qual dialoga com diversas outras versões e representações presentes no imaginário social. Neste sentido, parto da perspectiva de que o poder público é um agente importante na construção das identidades que se relacionam ao espaço. Não é, porém, absoluto, havendo um processo histórico de lutas entre representações.

Entendendo identidade como idéia de pertencimento a um grupo social, ou seja, como auto-representação, utilizar-se-á este último como sendo o conceito fundamental que sustenta esta pesquisa. Neste sentido, importante destacar que este projeto de pesquisa está sendo concebido através do referencial teórico-metodológico da Nova História Cultural, como será mencionado no item referente à metodologia do mesmo, cuja principal referência é a obra de Roger Chartier (1990, 2002).

Ao analisar a construção de identidades, Chartier aponta para as perspectivas que a história cultural trouxe a esta questão. Distinguindo-se de duas visões – uma que as via como resultado de imposições de representações e resistências contra estas, outra que as via como exibição de uma unidade construída a partir de um grupo – o autor afirma que:

Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de sua identidade. (CHARTIER, 2002: 73)

Uma identidade se representa através de uma série de símbolos. Entre estes, destacam-se representações musicais. Além dos hinos, que são representações oficiais de cada identidade ligada a espaço geográfico, uma série de músicas, estilos musicais e ídolos da mídia sonora tornaram-se representações de várias identidades.

Utilizamos o conceito de Anderson, que define que a nação não existe em outra instância senão no imaginário de uma comunidade, ela é:

[...] uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana. Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria dos seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão [...] é imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se as outras nações. Nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade. [...] É imaginada como soberana, porque o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico divinamente instituído. [...] é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal. Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só se matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas (1989: 14-16).

Esta comunidade imaginada se identifica a partir de uma série de símbolos. Segundo Thiesse (2001/2002: 8-9), existe uma “check list”, um código de símbolos internacionais que define o que todas as nações devem ter: uma história estabelecendo a continuidade da nação; uma série de heróis modelos dos valores nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares memoráveis e uma paisagem típica; uma mentalidade particular; identificações pitorescas – costumes, especialidades culinárias ou animal emblemático. Estes símbolos não são apenas uma superficial lista de adornos, mas são essenciais para a auto-representação das pessoas que se identificam com a nação.

No caso brasileiro, entre os símbolos mais importantes na construção da identidade nacional estão os musicais. Poder-se-ia afirmar que o estilo musical samba, bem como diversas composições de grande sucesso nesse estilo tornaram-se patrimônio imaterial da nação brasileira. Para explicar esta emergência do samba, autores convergem e divergem em várias explicações. Ortiz (2001), aponta para o fato da construção da identidade nacional brasileira neste período propor-se a incluir grupos anteriormente excluídos, como pobres, negros e mestiços e, neste sentido, a transformação do samba, símbolo que representava estes grupos, em representação nacional foi elemento fundamental neste processo. Vianna (1995)

recorre a dois elementos fundamentais para a escolha do samba como representação nacional: a circulação deste estilo musical entre diversos grupos sociais e etnias no Rio de Janeiro dos anos 1920 e 1930 (convergindo com a proposta de identidade nacional através da miscigenação, especialmente entre o branco e o negro, proposta por Gilberto Freyre) e o desenvolvimento da indústria fonográfica e do rádio nesta cidade, que possibilitou a divulgação nacional deste estilo. Paranhos (1999) aponta para o samba ter sido, originalmente, um bem cultural socializado e atingiu o estágio de apropriação para fins comerciais, através da indústria cultural que surgia no Brasil daquela época, atingindo setores médios e altos da sociedade. Contudo, a definição desta representação ocorreu num contexto de lutas simbólicas, estabelecendo-se um processo de inclusão e exclusão em relação a identidades de diversas regiões e cidades do Brasil.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massas, especialmente do rádio e da indústria fonográfica, também permitiram o surgimento de cantores que se tornam ídolos nacionais, influenciando sobre a construção das identidades de seu público. A maior parte das pesquisas existentes sobre este tema, porém, foram feitas a partir do eixo Rio-São Paulo, no qual esta versão sobre a identidade nacional brasileira foi produzida. Faltam pesquisas que analisem a repercussão destas representações musicais em espaços específicos do Brasil, como o Rio Grande do Sul e, em especial regiões de imigração alemã, que tiveram diálogos específicos com estas.

Para analisarmos a circulação e repercussão que essas representações musicais tiveram em determinadas regiões do país, adotamos a história oral, na perspectiva de, através da memória de diversas pessoas que vivenciaram esse processo, podermos observar a forma como se estabeleceu essa relação entre as representações nacionais veiculadas na mídia e as identidades de espaços sociais distintos.

Nesse sentido, adotamos a definição proposta por Michel Pêcheux acerca da memória, na qual ele a define como uma representação histórica e social, construída a partir da inter-relação entre o indício lembrado e o desejo presente de que tenha sido de determinada forma, ou seja:

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da 'memória individual', mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída pelo historiador. O riso evocado de uma vizinhança flexível de mundos paralelos se deve de fato à diversidade das condições supostas com essa inscrição: é a dificuldade – com a qual é preciso um dia se confrontar – de um campo de pesquisas que vai da referência explícita e produtiva à lingüística, até tudo o que toca as disciplinas de interpretação: logo a ordem da língua e da discursividade, a da 'linguagem', a da 'significância' (Barthes), do simbólico e da simbolização. (PÊCHEUX, 1999: 50)

Halbwachs (1990) considera a memória como um resultado da interação social. Neste sentido, propõe analisar os “quadros sociais” na perspectiva de que a lembrança individual passa a estar relacionada com os grupos e instituições das quais o depoente faz parte. Neste sentido, ao analisar os relatos de memória é necessário uma análise, também, das identidades e alteridades do depoente.

Em relação ao caso brasileiro, Montenegro (2007) analisa a representação construída acerca de Getúlio Vargas na memória de grande parte da população brasileira que vivenciou o período de seu primeiro mandato. Através de uma série de mecanismos, como o Departamento Oficial de Propaganda, constituído em 1931, que depois cedeu lugar ao Departamento de Imprensa e Propaganda, exercendo um controle sobre os meios de comunicação, bem como através da “Hora do Brasil” e da ampla veiculação midiática das Leis Trabalhistas implantadas em seu governo, Vargas tornou-se referência presente na memória de amplos setores da sociedade brasileira. Como afirma:

A representação gravada na memória, acerca de Getúlio, expressa a força do imaginário que foi criado durante o Estado Novo. As marcas estão impressas na memória coletiva (sobretudo popular) resultam de uma intervenção direta na cotidianidade do trabalhador associada a um discurso que une o governante à nação. (MONTENEGRO, 2007: 102)

As fontes orais e a música foram recentemente aceitas como fontes de pesquisa dada a subjetividade nelas presente. A expressão “oral history” surgiu na Inglaterra a partir do trabalho de historiadores como Paul Thompson (1978). Desde lá, muito se tem discutido sobre o tema. A própria expressão história oral foi questionada em função de sugerir uma história unicamente fundada na pesquisa oral (FRANK, IN: CHAUVEAU, 1999: 105). Desta forma, este trabalho não se constitui em uma história oral, mas em uma pesquisa em que utilizarei significativamente fontes orais, mas também fontes musicais e escritas. Depoimentos não podem ser considerados mais ou menos “verdadeiros” do que os documentos oficiais por terem sido construídos para o fim da pesquisa histórica. Os próprios documentos oficiais também foram construídos em um determinado contexto e para determinados fins. Neste sentido, todos os documentos utilizados não são um reflexo do passado, mas representações suas. Quanto à metodologia de trabalho para lidar com depoimentos orais, considero importante salientar que pretende-se utilizar o “estilo do analista completo” (LOZANO; IN: FERREIRA; AMADO, 2002), não limitando-me a um único método ou técnica e focalizando o trabalho na análise. Estas fontes, musicais e orais, serão

analisadas através do conceito de representação, pois ele possibilita relacionar a produção artística com um contexto social e histórico.

Especificamente, nessa pesquisa busco relatos de memórias ligados à mídia sonora. A paisagem sonora do século XX caracteriza-se pela criação de mídias que registram o som e que podem trazer, à memória do presente, um registro passado. Esse fenômeno foi definido por Murray Schafer (SCHAFER APUD VALENTE, 2003, p. 32) como “esquizofonia” e se refere à possibilidade de dissociar o som de seu espaço-tempo de produção e reprodução acústica.

Parece que a mídia sonora pode ser usada como uma interessante referência utilizada na história oral para trazer à lembrança memórias. Nesse sentido, nas entrevistas que estão sendo realizadas, utiliza-se a mídia sonora apresentando gravações aos entrevistados. Inicialmente, pergunta-se se ele se lembra desta gravação. A seguir, pergunta-se “o que ele achava” dela, dando um certo espaço de liberdade para a fala, ao mesmo tempo que possibilita, ao entrevistador, observar relações diversas entre a música e a experiência do entrevistado. Por fim, foca-se na questão que interessa a essa pesquisa, que é a relação entre o nacional e o regional.

Para escolha das músicas a serem executadas para os entrevistados, utilizamos, como critério, ser canções de sucesso no rádio durante o primeiro governo Vargas que apresentam representações da nação brasileira. Na medida em que, durante o Estado Novo, houve uma censura sobre a música popular executada no rádio, constituindo, inclusive, o chamado “samba exaltação”, procuramos observar como foi a recepção desse tipo de canção nessa região de imigração alemã.

Esse projeto encontra-se em fase inicial e, até o presente momento, foram realizadas 2 entrevistas com pessoas que circulavam no meio musical de Novo Hamburgo e 14 entrevistas com pessoas que estudavam em escolas da região durante o primeiro governo Vargas.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, p. 145-152, 1995.

BACKZO, B. A imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. v. 5, p. 296-331.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

CAPELATO, Maria Helena. Fascismo: uma idéia que circulou pela América Latina. In: HISTÓRIA EM DEBATE. Rio de Janeiro: ANPUH, 1991. p. 51-63.

_____. Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Contexto/ANPUH, v. 16, n. 31-32, p. 328-352, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CONTIER, Arnaldo. *Brasil novo – música, nação e modernidade: os anos 20 e 30*. São Paulo: USP, 1988. Tese (Livre Docência em História), Universidade de São Paulo.

_____. Memória, história e poder: a sacralização do nacional e do popular na música (1920-50). *Revista Música*, São Paulo: USP, v. 2, n. 1, 1991.

_____. Música e história. *Revista de História da USP*, São Paulo: USP, n. 119, p. 69-89, 1988.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. IN: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio: a trajetória de Nora Rey e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

____. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

NAVES, Santuza Cambraia. *O violão azul*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: *Projeto História*. São Paulo: Ed. PUC-SP, 1993. [7-28]

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; CASTRO GOMES, Ângela M. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

____. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

____. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1989.

OLIVEN, Ruben George. Mitologias da nação. In: FÉLIX, Loiva O.; ELMIR, Cláudio P. (Orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988. p. 23-39.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PARANHOS, Adalberto. Vozes dissonantes sob um regime de ordem-unida (música e trabalho no “Estado Novo”). *ArtCultura*, Uberlândia: UFU, v. 4, n. 4, jun. 2002.

PARANHOS, Adalberto. O Brasil dá samba? (Os sambistas e a invenção do samba como “coisa nossa”). *Música popular em América Latina*. Santiago de Chile: Fondart, 1999. (disponível em: http://www.samba-choro.com.br/print/debates/1055709497/index_html)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, história e cidade? Lugares no tempo, momentos no espaço. *ArtCultura*, Uberlândia: UFU, v. 4, n. 4, p. 23-35, jun. 2002.

PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo – Monografia*. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. IN: ACHARD, Pierre [et al.]. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

SELBACH, Jeferson. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. (dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Porto Alegre: UFRGS, 1999

SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória. IN: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.) *Região e nação na América Latina*. Brasília: UNB, 2000.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. IN: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 1999

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*, Porto Alegre: UFRGS, n. 15, 2001/2002.

THOMPSON, Paul. *The voice of the past*. Oral History. Oxford University Press, 1978.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

VALENTE, Heloísa de Araújo D. *As vozes da canção na mídia*. São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2003.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./Ed. UFRJ, 1995.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul – O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2004.